

GIL PRATSOBRERROCA

O JOGO DO SILÊNCIO

«DÁ GOSTO ENCONTRAR
UMA OBRA LITERÁRIA
TÃO BOA E VICIANTE.»

LA VANGUARDIA



*Para Ariadna, Clàudia, Maria, Xumari e Bruna,
por todo o seu apoio*

No dia 15 de junho de 2025 desapareceu uma menina de sete anos chamada Valèria Costa. O caso fez com que Arcavell, uma pequena aldeia dos Pirenéus situada a três quilómetros da fronteira com Andorra e a catorze quilómetros de La Seu d'Urgell, se tornasse o centro de todas as conversas.

As páginas que se seguem contam toda a história.

O dia do desaparecimento de Valèria

Carla e Jan acordaram à medida que a luz da manhã ia entrando pela janela e se derramava pelo chão de tijoleira do quarto. Como de costume, o pai foi preparar o pequeno-almoço enquanto a mãe se dirigia ao quarto da filha. Era o mesmo ritual de sempre, a mesma rotina que tinham estabelecido desde que se tinham tornado uma família.

Porém, quando Carla abriu a porta para acordar a menina, percebeu que se lembraria daquela manhã para o resto da vida.

— Valèria? — perguntou para o ar, numa divisão vazia, contemplando a cama desfeita. — Valèria? Onde estás?

Ao fim de poucos minutos, já a procuravam por toda a casa, desesperados, sentindo que o seu pequeno paraíso, aquele recanto do mundo, seguro e firme, começava a desfazer-se para sempre.

PRIMEIRA PARTE

Dezasseis dias antes do desaparecimento

O relógio da sala acabava de marcar as nove da noite. Valèria, uma menina de sete anos com olhos azuis como o céu, brincava diante das chamas da lareira, sentada no chão, sobre o tapete macio de lã. Com os braços apoiados na pequena mesa de madeira, empilhava peças coloridas umas sobre as outras: era o seu jogo preferido.

As chamas à sua frente eram a única luz existente naquela enorme sala. Todo o espaço, quase mergulhado na penumbra, dançava ao ritmo do fogo: os candelabros de ferro, os chifres de veado pendurados na parede, os dois sofás de pele, as escadas em caracol que se enroscavam sobre si próprias até ao andar de cima... tudo contribuía para o jogo de sombras que envolvia aquela cena escura, como se tudo tivesse ganhado vida.

Os pais de Valèria, Jan e Carla, ambos com pouco mais de trinta anos, estavam na cozinha a preparar o jantar. Carla, tão loura quanto a filha, com um pijama de algodão que delineava o seu corpo esbelto e em forma, tinha ido buscar um vinho tinto à adega poucos minutos antes e propusera um brinde

ao marido. Jan, atraente, de olhos grandes e escuros, sorriu e parou de cortar a cebola para pegar no copo.

Enquanto isso, na sala, mesmo atrás de Valèria, uma figura permanecia imóvel, observando-a.

O homem estava há bastante tempo escondido num espaço que conhecia muito bem, entre as escadas e o armário de madeira. Um esconderijo perfeito que o tornava invisível para todos.

Contemplava a menina avidamente. A salivar. Tão perto que, se esticasse um pouco a mão, quase poderia acariciar aquele belo cabelo dourado. Estava tão perto de Valèria que, quando quisesse, lançar-se-ia sobre ela num salto.

A menina nem sequer teria tempo de gritar.

Quando já tinham bebido o segundo copo, Carla dirigiu-se à porta da cozinha e fechou-a delicadamente. Depois virou-se, já a sentir a embriaguez do álcool e, vendo que o marido lhe dedicava toda a atenção, pousou o copo sobre o mármore e começou a desapertar os primeiros botões da parte de cima do pijama com um sorriso.

Na divisão ao lado, as peças coloridas já formavam uma torre bastante alta quando, de repente, Valèria sentiu algo atrás de si. Confusa, virou a cabeça, fazendo com que os seus caracóis lhe acariciassem as costas. Observou a massa negra que cobria as paredes durante alguns segundos, mas não conseguiu ver absolutamente nada.

Na cozinha, os pais tinham começado a encher-se de beijos apaixonados. Abraçados. Sentindo a excitação correr-lhes

pelo corpo e tentando dominar os impulsos. Carla tirou a camisola a Jan e acariciou-lhe o corpo rijo e forte com a ponta dos dedos. Jan fez-lhe o mesmo e, já despidos, olharam-se brevemente com olhos travessos e sorrisos acesos, conscientes da ousadia daquele momento. De seguida, Carla virou-se de costas para ele e inclinou o corpo contra a porta.

Protegido entre aquele mar de sombras criado pelo fogo, o desconhecido ergueu a cabeça e, fechando os olhos, inspirou profundamente. Cada lufada de ar carregada do cheiro infantil de Valéria enlouquecia-o. Os seus caracóis, as suas mãozinhas, a pele branca e delicada... ela era a encarnação suprema da inocência. E da fragilidade.

Então, o desconhecido abriu os olhos e deu um passo em frente. Já não podia esperar mais. Tinha de agir.

Na cozinha, Carla e Jan tinham começado a fazer amor, procurando não fazer barulho. Sentiam-se como dois adolescentes; riam-se e apreciavam a adrenalina que lhes corria nas veias.

De vez em quando, tinham de tapar a boca com a mão para evitar que lhes escapasse algum gemido que a filha pudesse ouvir.

Mas, ainda assim, ouviu-se um grito.

Um berro.

Um bramido arrepiante vindo da sala.

Instantaneamente, o casal separou-se, confuso, perguntando-se o que acabara de acontecer. Pegaram na roupa espalhada pela cozinha e vestiram-se o mais depressa possível. Enfiaram as calças e as camisolas, sentindo que cada segundo valia ouro, que o tempo lhes escorria pelos dedos para sempre.

E, com o coração a rugir-lhes no peito, abriram a porta.

*

Na sala de jantar, sentada no sofá, Valèria estava pálida, imóvel, a olhar fixamente para um ponto específico da divisão.

— Valèria! — exclamou a mãe, correndo para a abraçar. — Estás bem? — perguntou, acariciando-lhe os caracóis e dando-lhe um beijo.

A filha, porém, estava demasiado transtornada para conseguir falar. Lentamente, ergueu uma mão trémula e apontou para a janela ao lado da lareira. Jan seguiu-lhe o olhar.

— Valèria — disse o pai, a recuperar o fôlego. — Diz-me o que aconteceu!

A menina balbuciou:

— Um... golpe...

E abraçou-se à mãe, refugiando-se nos seus braços, sem conseguir encontrar mais forças dentro de si.

Jan aproximou-se para examinar a janela e descobriu que o vidro estava partido.

Carla continuou a acariciar ternamente o cabelo da filha enquanto, com um olhar, perguntava ao marido qual dos dois assumiria o controlo da situação. Mas Jan mantinha os olhos fixos no vidro, por isso foi ela quem tomou a dianteira:

— Vá, não nos preocupemos, Valèria — disse a mãe, tentando desvalorizar a situação. — Apanhámos um susto, mas já passou. — E, num tom mais animado, acrescentou: — Vá, minha menina, já podemos ir lavar as mãos. O jantar está quase pronto.

Mentiu, porque, entre um copo e outro, ainda nem sequer tinham começado a cortar as batatas.

Quando Valèria foi à casa de banho, Carla aproximou-se do marido.

— O que foi isto?

— Nada, partiram-nos o vidro. Algum idiota que passava na rua deve ter atirado uma pedra.

Foi aí que a mulher se apercebeu de uma coisa.

— Olha — disse, a apontar para o exterior através da janela. — Aquilo é nosso!

Jan olhou lá para fora e viu que, na rua, no meio de vários pedaços de vidro, estava uma moldura de madeira com fotografias que ele próprio tinha colocado no centro da mesa. Havia apenas uma explicação: a janela tinha sido partida a partir de dentro.

— Foi a Valèria que a partiu? — murmurou Carla, preocupada. — Porquê?

E, intuitivamente, ambos desviaram os olhos para a casa de banho, de onde se ouvia a torneira que a menina acabara de abrir.

— Por que razão fez uma coisa dessas? — repetiu ela, agora num tom de indignação. Não imaginava a filha a fazer algo assim.

— Meu Deus — interveio Jan. — E se... e se ela nos ouviu enquanto o fazíamos?

— Não, não pode ser — respondeu imediatamente Carla, começando a corar. — Não pode ser!

Embora fosse estranho que, através daquelas robustas paredes de pedra, se ouvisse o que se passava na cozinha, ambos reconheceram que aquela teoria fazia sentido. Afinal, havia apenas uma porta a separar as duas divisões.

— Talvez... primeiro tenha partido o vidro e, ao ver que não parávamos... tenha começado a gritar — sugeriu Jan.

Carla tentou recordar-se. Minutos antes, estava tão absorvida a fazer amor que não ouvira mais nada além do grito. Aquela explicação parecia ser cada vez mais plausível.

O casal ficou alguns segundos em absoluto silêncio, arrasado, amaldiçoando-se por não ter tido mais cuidado e, pouco a pouco, começou a aceitar a ideia de que a filha acabara de os ouvir a ter relações sexuais.

— Ai, Jan. Que vergonha — disse, por fim, Carla, sem saber onde se enfiar. — Deve ter sido horrível, coitada da Valéria... — Foi até ao sofá e deixou-se cair nele. — Uma vez também ouvi os meus pais e foi... Jan, não, que vergonha...

O marido tentou acalmá-la.

— Vá lá, talvez não seja assim tão grave. Talvez ela nem soubesse o que estávamos a fazer, visto que só tem sete anos. Deve ter ouvido uns barulhos estranhos, ficado nervosa e agido sem pensar. Sei lá, talvez tenha pensado que estávamos a discutir!

— Não digas disparates — interrompeu-o Carla. — Com sete anos já pode saber alguma coisa, Jan. Hoje em dia aprendem tudo isso cada vez mais depressa.

— Com sete anos? — insistiu ele.

— Temos de falar com ela — afirmou a esposa, pondo fim à discussão. — E com muito cuidado. Eu tive uma educação sexual de merda e passei a adolescência cheia de inseguranças. Não quero que lhe aconteça o mesmo.

O marido inspirou fundo e soltou um longo suspiro.

— E teremos de ter mais cuidado daqui para a frente — acrescentou, resignado.

— Sim — respondeu ela, satisfeita pelo marido se ter colocado do seu lado.

Deram um beijo breve e separaram-se. Enquanto Jan voltava à cozinha para acabar de preparar o jantar, Carla saiu para ir buscar a moldura.

Pelo caminho, Carla pensou que, bem vistas as coisas, até lhe agradava poder falar com a filha sobre uma coisa tão

importante como o sexo. Já há anos que prometera a si própria que seria uma mãe aberta e com quem se poderia falar de tudo.

No dia seguinte, mais calmos, abordaria o assunto. Talvez pudessem dar um passeio até Sant Andreu e abordar a questão a meio do caminho; assim, tudo seria menos invasivo.

Carla saiu de casa.

Estava tão absorta nos seus pensamentos que não reparou num pequeno detalhe que teria mudado tudo: a porta da entrada não estava bem fechada. Aquele tinha sido o único erro cometido pelo desconhecido apenas alguns minutos antes.

Protegido pelas trevas da sala de jantar, o homem percebeu que não tinha como escapar: Valèria estava virada para a porta e, se tentasse sair, ela vê-lo-ia.

Por isso, teve de pensar num plano alternativo, num elemento de distração. Viu que, em cima da mesa, havia uma moldura com fotografias bastante grossa e pesada; deu um passo em frente para a apanhar, deixando que o braço fosse brevemente banhado pela luz, e depois lançou-a contra a janela com toda a força, como se fosse um disco voador.

O vidro explodiu em mil pedaços e Valèria, assustada, começou a gritar, abafando o som do estilhaço. Então, o desconhecido aproveitou o facto de a menina estar a olhar para a janela, na direção oposta à porta, para sair a correr e escapar, perdendo-se na noite que cobria a aldeia.

Carla dirigiu-se à moldura.

Teve de cruzar os braços e baixar a cabeça para não sentir frio. Apesar de ser maio, em Arcavell fazia sempre fresco quando caía a noite. Baixou-se e apanhou a moldura do chão, tentando não se cortar nos vidros espalhados à volta. Depois

observou a fotografia que continha e uma estranha sensação de nostalgia invadiu-a. Custou-lhe que Valèria a tivesse atirado daquela maneira. Afinal, aquela era a sua última recordação de Barcelona.

— Vá! Vamos tirar uma fotografia! — propôs Carla depois de terem retirado o último móvel do apartamento.

Os três esboçaram um sorriso apagado, a olhar para a câmara. Estavam exaustos. Toda a família. A mudança passara por cima deles como um comboio de mercadorias. Tinham passado horas e horas a embalar eletrodomésticos e a prepará-los para que dois homens corpulentos os pudessem ir descendo pelo elevador exterior instalado na fachada do prédio.

Depois de tirarem a fotografia com o apartamento ao fundo, entraram no carro e começaram a atravessar as ruas do bairro de Gràcia, colados atrás do camião das mudanças e a imaginar todos os seus pertences a abanar lá dentro.

— Tens a certeza de que não vais adormecer? — perguntou Carla, do banco do passageiro, a um Jan cheio de sono.

— Não te preocupes — respondeu ele, a agarrar o volante com as duas mãos. — Bebi dois cafés.

Carla virou-se para trás e esboçou um sorriso carinhoso.

— Está tudo bem por aí? — perguntou à filha, e Valèria assentiu.

De seguida, a mãe voltou a sentar-se direita e observou as ruas que atravessavam, engolindo a tristeza. Diziam adeus ao bairro de Gràcia. O bairro onde tinham nascido, o bairro que os vira crescer e que agora, com grande dor, os expulsava. Tinham-lhes aumentado a renda em mil euros de um mês para o outro e não tinham tido outro remédio senão ir-se embora. Fosse como fosse, Carla tinha a consciência de que não eram

os únicos: muitos dos seus amigos tinham sido obrigados a fazer o mesmo. Os turistas estavam a destruir tudo. Por causa deles, aquele bairro começara a transformar-se a olhos vistos: a retrosaria, a pastelaria, a escolinha... os estabelecimentos de toda a vida tinham desaparecido; tudo sucumbia ao poder de compra e às necessidades dos camones.

Carla reclinou-se e fez um esforço para pensar que estavam a fazer a coisa certa. Tinha chegado a hora de mudar de ares. Afinal, era o seu grande sonho, viver perto da montanha, no meio de uma aldeia linda, Arcavell, longe do bulício da cidade e da gentrificação selvagem. Viver numa casa de dois andares, com jardim, lareira e terraço, por um preço que, em Barcelona, teria sido escandaloso. Uma casa que até tinha nome próprio: Era Vella. Carla achava-o um nome bonito e romântico, o lugar ideal para começar o seu ninho.

— Vá, rumo a Arcavell! — exclamou Jan ao seu lado, como se estivesse a pensar exatamente o mesmo que ela.

Trocaram um olhar cheio de entusiasmo e deram as mãos.

Ultimamente estavam mais apaixonados do que nunca; o projeto da mudança encheu-os de uma vontade de viver que não sentiam nem quando namoravam. Primeiro, foi a sorte de encontrar aquela pechincha de casa; depois, a emoção de ir visitá-la várias vezes e, por fim, começar, pouco a pouco, a projetar como seria a nova vida: escolher qual seria o quarto de Valéria, a distribuição da sala de estar, os dois escritórios... todo o processo foi fascinante para o casal.

— Olha — disse Jan, programando o GPS num semáforo. — Chegamos dentro de duas horas e meia.

— Ótimo! — respondeu ela e, poucos segundos depois, aumentou o volume da rádio para começar a cantar a canção que estava a passar.

O marido juntou-se logo a ela, a dançar e a mexer os ombros. Logo a seguir, ouviram uma gargalhada vinda do banco de trás. Era um riso apagado. A filha não demoraria muito a adormecer.

Duas horas e meia mais tarde, a família Costa chegava a Arcavell, pronta para iniciar o capítulo mais importante das suas vidas.

O dia do desaparecimento de Valéria

— Esquadra da polícia — respondeu um jovem agente ao telefone.

— Olhe — começou Carla, com a voz trémula. — Não encontramos a nossa filha.

— Como? — perguntou o polícia, com uma tranquilidade exasperante. — Quando foi a última vez que a viram?

— Ontem à noite, quando foi para a cama.

O agente meditou uns segundos; podia ser apenas algum equívoco. Não seria a primeira vez que se deparava com uma situação daquelas.

— Minha senhora, quantos anos tem a sua filha?

— Sete — respondeu, num tom de súplica.

O agente afastou-se do aparelho para explicar a situação a um colega. Carla permaneceu impaciente durante o tempo todo, até que o polícia voltou ao telefone e disse:

— Não se preocupe. Vamos já enviar uma patrulha. Diga-me, onde vivem?

Quinze dias antes do desaparecimento

Na manhã seguinte, o cheiro a café e a torradas começou a escapar-se da cozinha e a subir pelas escadas em caracol até bater à porta dos quartos. Ao fim de uns minutos, sentindo-se como o flautista de Hamelin, Jan viu Valéria surgir à porta, meio a dormir e de pijama.

— Olhem quem temos aqui! — anunciou o pai, a falar consigo próprio.

A essa hora da manhã, entrava na cozinha uma luz branca incrível. Tudo, incluindo a ilha central de madeira, o mármore, as paredes de pedra, as vigas de madeira maciça e o chão de parquê, adquiria um tom invernal e nitidamente alpino. Jan estava diante da ilha, sentado num dos bancos altos, enquanto tomava o pequeno-almoço com o jornal na mão.

— Dormiste bem, querida?

Valéria tinha tido uma noite maravilhosa. No dia anterior, depois do incidente da janela, os pais tinham começado a tratá-la com um bom humor completamente invulgar. Tinham começado a mimá-la durante todo o jantar, a rir-se das suas graças e a cobri-la de mimos, como já não faziam há muito tempo. Até a tinham deixado não comer as ervilhas todas.

Não sabia a que se devia tudo aquilo, mas gostava do rumo que as coisas tinham tomado de repente.

— Muito bem, pai — respondeu, com um sorriso encantador.

Deu quatro passos e abraçou-o. Depois, olhou em frente e viu, no centro da ilha, a cafeteira cheia e vários pratos com queijo, fruta e enchidos. Jan também olhou para aquilo com orgulho. Tinha acabado de ir comprar tudo a Can Pintor, o único estabelecimento da aldeia, que funcionava ao mesmo tempo como mercearia e café.

— Tantas coisas! — exclamou a menina.

— É para ganharmos forças para a caminhada — afirmou Jan. — O que te apetece?

Na noite anterior, durante o jantar, Carla tinha proposto irem dar um passeio até Sant Andreu, uma ermida que ficava no topo da aldeia. Assim que ouviu a sugestão, Valèria começou a festejar aos saltos.

— E isto aqui o que é? — perguntou, animada.

— É *bull*. E aquilo ali, *botifarra negra*.¹

— Hummm... E temos chocolate?

O pai riu-se e apontou para o indispensável frasco de creme de avelá, no cimo da prateleira.

— O que seria desta casa sem chocolate?! — resmungou, revirando os olhos.

— Acabava o mundo! — Riu-se Valèria.

— Ena, que cheiro tão bom! — ouviram Carla exclamar do cimo das escadas, a sair do duche. — Já estão prontos para o nosso magnífico passeio?

¹ O *bull* é um enchido tradicional catalão, semelhante a uma morcela branca, preparado com carne de porco e especiarias. A *botifarra negra* é outro enchido típico da Catalunha, feito com carne de porco e sangue, de sabor intenso. (N. dos T.)

Ambos disseram que sim no exato momento em que o telemóvel de Jan começou a vibrar em cima da mesa. O pai pegou nele e confirmou que todos os planos de sábado se tinham acabado de desmoronar. Era uma mensagem do chefe a dizer-lhe que tinha de refazer dois orçamentos e entregá-los antes das duas. Era uma ordem inegociável.

Carla entrou na cozinha, já arranjada e pronta para sair, com roupa de desporto, bandolete e óculos de sol. Dirigiui-se à torneira para encher o cantil de água quando viu a expressão do marido.

— O que se passa?

— Sabes os orçamentos de que te falei da V.C. Studios? — balbuciou Jan. — Pois... têm de ser refeitos do zero.

A mulher franziu o sobrolho.

— E o que é que isso quer dizer?

— Que tenho três horas para os fazer antes de nos retirarem o contrato.

Carla fechou os olhos.

— Mas não te podem fazer isso! É sábado! — exclamou, indignada. — Não lhes podes dizer que não?

Jan abanou a cabeça de imediato.

— Já sabes que me deixaram trabalhar remotamente em troca de ser um pouco mais flexível com os horários.

— Sim... mas é sábado! — protestou Carla, num tom de súplica.

Estava a ficar irritada. Às vezes, pensava que o marido precisava de ser um pouco mais duro; não era a primeira vez que o chefe o levava a seu bel-prazer.

— Desculpa! — respondeu Jan, aparentemente indignado. Ambos sabiam que não havia nada a fazer. Depois, olhou para Valéria, baixou-se e, com ternura, disse-lhe: — O pai não vai poder ir ao passeio... mas vemo-nos à hora do almoço, está bem?

A menina recebeu a notícia como se se tratasse de uma facada no estômago, e Carla percebeu-o claramente.

Algum tempo depois, saíram de casa. Entretanto, Jan subiu as escadas e foi sentar-se no escritório; ligou o computador e começou a escrever.

Carla e Valèria começaram a subir as ruas empedradas de Arcavell, sentindo o cheiro das flores que os vizinhos tinham nas varandas. Estava um dia espetacular. A primavera chegava tarde àquela montanha, mas, quando chegava, vinha com força.

Quem não parecia dar-se conta da beleza que as rodeava era Carla. A cada passo que davam, estava mais zangada com Jan. Trabalhava o dia inteiro. Era verdade que agora ganhava muito dinheiro, mas, ainda assim, preferia que dedicasse mais tempo à família. Além disso, aquele era um dia importante: tinham de falar de sexo com Valèria, e teria sido bom contarem com uma figura masculina.

A pouco e pouco, saíram da aldeia e enveredaram por um caminho de terra batida, rodeado de campos verdes. Percorreram mais alguns metros e, depressa, tudo começou a encher-se de árvores e flores silvestres. Os insetos voavam de um lado para o outro, numa azáfama incessante, desfrutando daquele espetáculo de cores interminável.

De repente, Valèria baixou-se e apanhou uma papoila que ainda não tinha desabrochado.

— Mãe, é galo, galinha ou pintainho?² — perguntou a menina, fazendo o jogo que Carla lhe tinha ensinado.

² Jogo tradicional infantil em que se tenta adivinhar a cor da flor da papoila antes de ela desabrochar: «galo» se as pétalas forem vermelhas, «galinha» se forem rosadas e «pinto» se forem brancas. (*N. dos T.*)

— Hummm... é grande — respondeu ela, examinando a flor ainda fechada. — Acho que... é galo.

Valèria abriu o botão e apareceram umas pétalas vermelhas lindíssimas.

— Acertaste! — festejou a menina. — Acertaste! Muito bem, mãe!

Carla desatou a rir.

— Vá, agora é a tua vez. Vamos lá ver... — murmurou a mãe, enquanto procurava outro botão.

Ao olhar em volta, Carla lembrou-se de que ali perto havia uma clareira incrível. Era um sítio que conhecia por já lá ter ido algumas vezes, sozinha, fazer ioga. Se fossem até lá, desviavam-se da ermida, mas podiam ver algo de que Valèria ia gostar muito mais do que umas ruínas romanas: um cercado cheio de cavalos.

— Vamos por aqui — disse, a apontar na direção do caminho da esquerda. — Tenho uma surpresa.

Ao fim de uma hora intensa de trabalho, Jan viu que tinha acabado. Tinha sido muito mais rápido do que calculara. Reviu duas vezes as folhas de Excel para confirmar que não tinha deixado nenhum dado por verificar e, com uma doce sensação de vitória, enviou tudo ao chefe. Depois, sem esperar pela resposta, levantou-se da cadeira e foi trocar de roupa. Tinha tido uma ideia. Ia fazer uma surpresa à família.

Quando avistaram os cavalos, Valèria ficou boquiaberta. Eram éguas enormes e majestosas que galopavam e brincavam num prado verde de sonho. Atrás delas, a encosta descia suavemente até ao fundo do vale, deixando ver todas as montanhas, com florestas densas e serras escarpadas, algumas ainda com

manchas de neve no cume. Por todo o lado, as flores enchiam aquele cenário de lilases, amarelos e azuis.

— E se fizermos um ramo? — propôs Carla, depois de ter observado os cavalos durante algum tempo.

— Um ramo! Sim, sim! — respondeu Valèria.

Então a mãe pensou que, mesmo sem Jan, aquele era um bom lugar para abordar o grande tema da conversa. Não podia desperdiçar o momento. Nem sequer era preciso chegar à ermida, refletiu; agora o mais importante era falar de mãe para filha.

Jan foi até à garagem e dirigiu-se à parte posterior, por trás dos carros. Ali descansava uma pilha insondável de caixas, bicicletas, madeiras e tralhas diversas que tinham amontoado com a mudança e que ainda ninguém tinha tido coragem de organizar. Sujando as mãos de pó, começou a afastar tudo para tirar o que estava no fundo: a sua preciosa mota de todo-o-terreno.

Mãe e filha tinham começado a apanhar margaridas e campainhas que havia por ali quando Carla decidiu falar:

— Olha, Valèria, uma pergunta. Ontem à noite... ouviste alguma coisa estranha?

A menina parou de apanhar flores e endireitou as costas. Os olhos azuis, como duas safras, fitaram-na.

— Não.

Quando viu Jan sair disparado pela rua com a mota, a cavalgar sobre as pedras da calçada, a silhueta do desconhecido voltou a desenhar-se diante da porta da Era Vella. Tinha de terminar o trabalho que deixara a meio na véspera.

Abriu a porta com destreza e entrou em casa como um gato. Depois começou a vaguear pela sala de jantar, sentindo-se em casa, saboreando o cheiro que aquela família acabara de deixar impregnado.

Subiu as escadas em caracol devagar, ouvindo cada ranger dos degraus de madeira ao suportar o seu peso. Era como a sinfonia da sua existência, aquilo que o fazia pertencer ao mundo real.

— Não nos ouviste a mim e ao teu pai? Na cozinha? — insistiu Carla.

A menina tentou recordar e voltou a abanar a cabeça.

— Valéria — repetiu Carla, muito devagar. — Antes de o vidro da janela se partir... não ouviste mesmo nada de nada?

Valéria pensou e acabou por se lembrar de que tinha ouvido qualquer coisa atrás de si, um som muito parecido com um passo. E era verdade que tinha sido mesmo antes daquele impacto forte contra o vidro. Ao pensar nisso, um arrepio de medo percorreu-lhe a espinha.

— Ah — disse. — Acho que sim...

Carla suspirou; tinham acabado de chegar ao cerne da questão.

A alguns quilómetros de casa, Jan atravessava um caminho de lama que serpenteava pela montanha. Era o caminho que conduzia à ermida de Sant Andreu.

A poderosa *KTM*, apesar da idade, devorava a paisagem com avidez, atravessando poças e rochas sem qualquer esforço. Há muito tempo que Jan não se sentia tão vivo nem tão jovem. Tinha vontade de estar com a família.

— E eram uns barulhos de que não gostavas, não eram? — perguntou Carla, insistente. — Que te incomodavam?

Valèria continuou a pensar. Aqueles passos na escuridão não eram os primeiros que tinha ouvido desde que tinham chegado àquela casa. Por vezes, também tinha ouvido ruídos estranhos a meio da noite ou quando ia sozinha à casa de banho. Até houve uma noite em que lhe tinha parecido ouvir a respiração de alguém no quarto. Mas tinha-se sempre armado em forte; abraçava-se à almofada e tentava pensar noutras coisas. No fundo, devia ser imaginação sua.

— Sim... — respondeu, assustada, percebendo que talvez aquilo fosse um perigo real. — Já os ouvi algumas vezes...

— Mais do que uma vez? — perguntou Carla, surpreendida.

— Sim.

— Meu Deus. Quantas vezes? Onde?

— À noite... no quarto, no corredor, na casa de banho...

Carla tapou a boca. A situação era muito mais grave do que imaginava. Não fazia ideia de que Valèria os ouvia a fazer amor há tanto tempo.

— Valèria — tentou então articular, vermelha como um tomate. — Desculpa-nos, querida, desculpa-nos. Não sabíamos... Não fazíamos ideia.

A vergonha corroía-a por dentro. Como é que tinham sido tão estúpidos ao pensar que aquelas paredes isolavam o som? De repente, a imagem dos dois a fazer amor com Valèria no quarto ao lado, a tapar os ouvidos, atravessou-lhe o cérebro. Era uma imagem catastrófica. Carla queria desaparecer.

Depois de alguns segundos de choque, a mãe fez um grande esforço para se acalmar. Tinha uma missão: ser corajosa e falar de sexo à filha com a maior naturalidade possível; afinal, não era nada de mau, e Valèria tinha de saber.

Respirou fundo e começou a explicar tudo, medindo cada palavra ao milímetro.

Quando o desconhecido chegou ao andar de cima, dirigiu-se ao quarto maior e foi até ao armário de Carla. Sentia o coração acelerado. Tudo cheirava ao seu perfume. Abriu uma gaveta e, ao ver o que continha, um gemido escapou-lhe do fundo da garganta. Enfiou a mão na gaveta e tirou uma das tangas. Era uma tanga de renda preta, com delicados apontamentos transparentes, que achou extremamente *sexy*.

Numa questão de minutos, a mota de Jan subiu até à pequena igreja. No topo do vale, o pai desligou o motor e contemplou o silêncio que se impunha. Ouvia os pássaros, os chocalhos das vacas ao longe, os zangões e o ribeiro. Também conseguiu ver Arcavell, reunida aos seus pés. As quarenta e quatro casas de pedra, com telhados de ardósia negra, desenhavam-se na encosta como se tivessem rolado do cimo da montanha e ficado presas naquele ponto instável, onde agora, por acaso, se aguentavam.

Conseguia ver tudo, menos a sua família.

Sentadas na relva, diante dos cavalos, Valéria e Carla continuavam a conversa sobre sexualidade. Valéria ouvia a mãe com uma mistura de interesse, vergonha e alguma repulsa. Por vezes, até se ria, mas a mãe parecia tão tranquila, tão firme, tão determinada, que a filha só conseguia continuar a ouvi-la.

Ao fim de alguns minutos, a menina acabou por perceber que todos os sons que ouvia à noite não eram mais do que os pais a amarem-se, a cuidarem-se, a respeitarem-se e a divertirem-se; e que nunca mais precisava de ter medo. Durante a explicação,

Carla deixou-lhe claro que, ainda assim, teriam mais cuidado dali em diante para não a incomodar.

— E com isto quero dizer que os adultos também se enganam e que vamos tentar ter mais cuidado, está bem? — concluiu Carla, com um toque de arrependimento.

Valèria assentiu.

Então, Carla inclinou-se para a filha e abraçou-a, com a sensação de que ela estava a crescer a passos largos. A menina era extraordinária.

Ao fim de uma hora, Jan regressava a casa, abatido. Não tinha conseguido encontrar a família em lado nenhum. Tentou ligar a Carla, mas ela devia ter deixado o telemóvel no quarto a carregar, como sempre.

Foi até à garagem, irritado com a distração da mulher, e abriu a porta. Ia estacionar a mota, mas viu que as rodas estavam cheias de lama. Se a levasse para dentro, ia sujar tudo. Não sabia o que fazer; tinha-se comprometido a fazer o almoço e já eram quase duas horas. Carla e Valèria deviam estar prestes a chegar. Então lembrou-se de um pequeno alpendre de madeira à entrada da aldeia onde alguns vizinhos costumavam deixar as motas.

Voltou a ligar o motor e arrancou. Deixá-la-ia ali apenas por uns dias, até a lama secar.

O desconhecido acordou com o rugido da mota que soou na rua. Ainda bem que Jan tinha decidido ir para o alpendre à última hora. O homem tinha adormecido na cama de casal.

Levantou-se de um salto, percebendo que ultimamente andava a brincar com o fogo: era o segundo dia consecutivo em que quase era apanhado.

Correu para guardar a roupa interior de Carla, que tinha acabado espalhada pelo quarto, e voltou a colocá-la na gaveta, enfiando-a à pressa. Desceu as escadas em caracol a correr, tirando um saco de plástico do bolso. Foi até à cozinha e encheu-o de comida. Depois, dirigiu-se à porta que dava para o pátio, abriu-a e saiu a correr.

Por volta das duas e meia, Jan já tinha deixado a mota no alpendre e regressado a casa. Tinha ido à cozinha e começado a improvisar uma salada. Só faltava um toque final, talvez um pouco de carne, e pensou no *bull*. Virou-se e olhou para a ilha, exatamente para o sítio onde, naquela manhã, Valèria tinha apontado para os enchidos. Porém, para sua surpresa, não havia nada.

Jan começou a abrir armários, cada vez mais intrigado; era possível que tivesse mudado aquilo de sítio sem se lembrar; ultimamente, tinha muitas coisas na cabeça. Mas o *bull* não estava em lado nenhum. Já estava a começar a ficar inquieto quando o som da família a entrar pela porta fez com que todas as preocupações desaparecessem.

— Pai! — gritou a filha, a correr desde a entrada até à cozinha para se pendurar ao seu pescoço.

— Olá! — disse ele, contente por vê-las. — Como correu?

— Muito bem! Olha, temos um presente para ti! — exclamou Valèria, entregando-lhe o ramo de flores. — E a mãe também fez um!

— Oh, que bonito! E que cheirinho!

— Olá, amor — disse Carla, entrando na cozinha e dando-lhe um beijo. Notava-se na voz o ressentimento por não ter ido com elas.

No entanto, Jan tinha o seu trunfo.

— Onde é que vocês se meteram? Fui à vossa procura de mota quando acabei o trabalho, mas não vos encontrei.

— Foste à nossa procura? — perguntou Carla, arqueando as sobrancelhas.

— Andaste de mota? — questionou Valèria. — Que fixe!

— É que acabámos por não ir à ermida — explicou Carla, num tom mais conciliador. — Fomos ver os cavalos, não foi, Valèria?

Nesse dia, a família Costa almoçou com um sentimento estranho, cada um pelos seus motivos: Valèria, pela conversa inesperada sobre sexualidade que tinha surgido do nada e que ainda recordava com algum desconforto; Jan, pelo desaparecimento dos enchidos; e Carla, porque, quando subiu ao quarto para se mudar, descobriu que alguém tinha remexido na sua roupa interior. Uma das suas tangas, que já não usava há muito tempo, estava no chão. Rasgada. *Foi o Jan? Desde quando é que ele manda estas indiretas?*, pensou.

Faltavam muito poucos dias para todas aquelas perguntas ganharem sentido.

ATÉ QUE PONTO NÃO SOMOS TODOS CÚMPLICES DO NOSSO PRÓPRIO SILÊNCIO?

No dia 15 de junho de 2025, Carla e Jan encontram a cama da filha vazia. Valéria, uma encantadora criança de sete anos, desapareceu sem deixar rasto.

Duas semanas antes, o casal tinha decidido ir viver para uma pequena aldeia nos Pirenéus. É nessa altura que a fachada da família perfeita começa a estalar: eventos inquietantes acontecem; objetos desaparecem misteriosamente de casa; a pequena Valéria começa a ficar perturbada com as visitas noturnas de um novo amigo imaginário; e a mãe, que se sente vigiada, fica em choque quando julga avistar um homem que conheceu no passado...

Em pouco tempo, aquele paraíso rural transforma-se num território cheio de sombras, que rapidamente mergulhará o casal numa investigação alucinante que os obrigará a confessar até o último dos seus segredos.

Com uma contagem decrescente frenética e um ritmo de cortar a respiração, esta história mergulha nas profundezas do amor e do desejo através de um enredo ambicioso, cuidadosamente tecido, repleto de reviravoltas inesperadas e viagens ao passado.

**«NEM JOËL DICKER NEM FREIDA MCFADDEN.
AGORA É A VEZ DE GIL PRATSOBRERROCA, COM O SEU
APELIDO DE TRAVA-LÍNGUAS E ESTE THRILLER VICIANTE
SOBRE O DESAPARECIMENTO DE UMA MENINA.»**

EL PERIÓDICO



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-596-319-5



9 789895 963195